

Luísa

William Somerset Maugham

Nunca percebi o motivo pelo qual Luísa se aborrecia comigo. A verdade é que não gostava de mim e eu sabia que, pelas minhas costas, mas de maneira muito diplomática, ela raras vezes perdia a oportunidade de dizer coisas desagradáveis a meu respeito. Demasiadamente fina para fazer referências directas, com uma insinuação, um suspiro, um simples gesto dos seus lindos dedos tinha a habilidade de explicar tudo quanto queria. Era mestra nos elogios perigosos. De facto, havíamos nos conhecido quase intimamente, durante vinte e cinco anos, mas jamais acreditei que ela se considerasse obrigada a quaisquer laços de amizade ou só de simpatia. Achava-me grosseiro, brutal, cínico, ordinário. Admirei-me sempre que ela não fizesse o que seria mais natural: desconhecer-me. Pelo contrário, nunca me largava. Andava sempre a convidar-me para almoços e jantares, e duas ou três vezes por ano pedia-me que fosse à sua casa de campo passar o «fim de semana». Por fim suspeitei de que havia descoberto o motivo de tudo isso. Ela desconfiava de que eu a não tomava a sério, e, se era essa a razão de não gostar de mim, era também a causa pela qual procurava o meu convívio: irritava-a o facto de eu a crer ridícula e não descansava sem me forçar a reconhecer o erro e me impor o seu triunfo. Talvez se capacitasse de que eu lhe via a face por baixo da máscara e pretendia que, mais tarde ou mais cedo, me convencesse de que a máscara é que era a genuína face. Entretanto nunca achei que fosse tão embusteira como isso; o que perguntava a mim mesmo era se Luísa troçava consigo própria da mesma forma que o fazia quanto aos outros; isto é, se no seu espírito havia alguma centelha de humorismo. Em caso afirmativo, talvez existisse maior atractivo para mim e nos déssemos bem um com o outro, visto partilharmos dum segredo desconhecido do resto do mundo.

Conhecera Luísa antes de ser casada. Era ela então uma rapariga frágil e delicada, de olhos grandes e melancólicos. O pai e a mãe adoravam-na num verdadeiro culto, tanto mais que certa doença (escarlatina, creio eu) a deixara de coração fraco, exigindo sempre os máximos cuidados. Quando Tom Maitland pediu a mão dela, os pais ficaram aterrados, pois se tinham persuadido de que a rapariga não resistiria às complicações do matrimónio. Mas, enfim, não eram muito abastados, e Tom Maitland passava por ser rico. Prometeu este fazer tudo por Luísa e eles, por fim, confiaram-lha como um tesouro sagrado. Tom Maitland era alto, seco, de bom parecer e consumado atleta, e amava-a perdidamente. Porém, sabendo-a fraca do coração, não esperava conservá-la muito tempo na sua companhia, e meteu-se-lhe na cabeça arranjar as coisas de forma a desforrá-la nesses curtos anos que seriam os da sua vida terrena. Renunciou aos desportos em que fora exímio, não porque Luísa lho pedisse (gostava até que ele jogasse ao golfe e fosse à caça) mas porque, por coincidência, ela tinha sempre um ataque cardíaco quando Tom se propunha deixá-la só, durante um

día. Se havia entre eles divergência de opiniões, ela sem demora cedia em favor do marido, pois não havia esposa mais submissa neste mundo; mas o coração ressentia-se e Luísa caía de cama, dócil, sem uma queixa, e ficava assim por uma semana inteira. Nem ele seria tão mau que a quisesse contrariar, pois isso acarretaria nova discussão sobre quem havia de condescender e Tom só com muita dificuldade a obrigava a manter-se dentro do seu ponto de vista. Numa ocasião, vendo-a disposta a fazer uma caminhada de oito milhas (coisa que particularmente a interessava) sugeriu a Tom Maitland que ela talvez fosse mais forte do que se supunha. Ele abanou a cabeça e suspirou.

– Não, não, é muitíssimo melindrosa. Tem consultado os melhores especialistas do coração e todos dizem que a vida lhe está por um fio. O que possui é uma grande força de vontade.

E contou à mulher a observação que eu tinha feito.

– Amanhã pagarei tudo isto – disse-me ela, lamentando-se. – Vou estar às portas da morte.

– Às vezes chego a crer que é muito capaz de realizar aquilo que tem em vista – repliquei.

Havia notado também que, se um baile estava divertido, ela ficava a dançar até de madrugada; mas, se a festa era sensaborona, Luísa sentia-se indisposta e Tom via-se obrigado a levá-la para casa mais cedo. Receei, então, que a minha réplica lhe não tivesse agradado, pois, concedendo-me embora um sorriso, nenhuma satisfação mostrou nos grandes olhos azuis.

– Não há-de querer que eu caia morta só para lhe dar esse prazer – tal foi a sua resposta.

Luísa sobreviveu ao marido, que adoecera mortalmente em certo dia por causa dum resfriamento apanhado quando passeavam em barco à vela; Luísa, nessa ocasião, tinha-se apoderado de todas as mantas e cobertores a fim de se preservar do frio. Tom deixou-lhe uma filha e abundante soma de haveres. A viúva parecia inconsolável. Considerar-se-ia milagre se pudesse resistir à comoção, e os parentes e conhecidos calculavam que iria em breve reunir-se ao marido na sepultura. Íris, a filha, era já considerada órfã de pai e mãe e todos a lastimavam bastante. Quanto a Luísa, redobravam os cuidados para com ela; não a deixavam mexer-se sequer, insistindo por que experimentasse o possível por atenuar o desgosto. Pensavam que, se fizesse qualquer coisa que a aborrecesse mais ou a fatigasse, o coração fatalmente lhe rebentaria. Ela, por seu lado, declarava que estava perdida sem remédio, visto não ter um homem para a tratar; nem sabia como, assim de saúde tão delicada, poderia educar a sua querida Íris. Os amigos perguntavam-lhe por que motivo se não tornava a casar. Oh, com o coração naquele estado, não se punha semelhante problema... ainda que tivesse a certeza de que Tom a desculparia e de que, para a filha, representava isso a melhor solução. Mas quem desejaria ligar-se a uma doente sem esperança, como ela?

Aconteceu, todavia, a singular circunstância de mais de um jovem se achar pronto a tomar esse encargo; e, um ano depois da morte de Tom, Luísa consentiu que Jorge Hobhouse a acompanhasse ao altar. Jorge era rapaz apumado, bem parecido, e não estava muito mal de finanças. Nunca vi ninguém mais reconhecido do que ele, – só pelo privilégio de ser autorizado a cuidar daquela

criaturinha frágil.

– Não te incomodarei durante muito tempo observou ela.

O marido era militar e cheio de ambições, mas renunciou a tudo. A saúde da mulher obrigava-o a passar o Inverno em Monte Carlo e o Verão em Deauville. Hesitara um pouco em desistir da sua carreira. Luísa, a princípio, não queria ouvir falar em semelhante coisa; mas, por último, rendeu-se ao facto, como sempre sucedia, e Jorge preparou-se para tornar os derradeiros anos da sua caracimete tão venturosos quanto possível.

– Não será por muito tempo –olveu ela. Procurarei não te ser incómoda.

Durante os dois ou três anos que se seguiram, e não obstante a fraqueza do coração, Luísa arranjou maneira de ir a todas as festas, sempre muito bem vestida. Jogava forte, dançava, e até se distraía com outros homens do seu agrado. Jorge Hobhouse não tinha a fibra do primeiro marido de Luísa, e, para compensar o seu trabalho de segundo esposo, entregava-se, de vez em quando, a um pouco de bebida. E possível que esse hábito tendesse a enraizar-se, embora com a reprovação de Luísa, mas felizmente (para ela) a guerra estalou. Jorge reuniu-se ao regimento a que pertencera, e encontrou a morte no campo de batalha, três meses depois.

Foi grande a dor que a mulher sentiu; em semelhante conjuntura, não quis desgostar os outros com as suas próprias mazelas: se teve ataques cardíacos, ninguém ouviu falar de tal. Para se distrair e atenuar o desgosto, transformou a sua vivenda de Monte Carlo em hospital destinado à convalescença dos oficiais. Os amigos diziam que tamanho esforço lhe apressaria sem dúvida a morte.

– Com certeza que isto me vai matar – confirmou Luísa. – Bem o sei. Mas que importa? Faço o meu dever.

A tarefa não a matou. Teve tempo para continuar a viver. Não havia casa de repouso que fosse então mais popular em França. Encontrei-a por essa altura, e acidentalmente, em Paris. Estava ela a almoçar no Ritz com um francês alto e de belas feições. Explicou-me que fora ali em serviço relacionado com o seu hospital, e revelou-me que todos os oficiais a tratavam com a maior deferência. Não ignoravam quanto a saúde dela era delicada e, portanto, não a deixavam fazer o mínimo trabalho. Procediam com todas as atenções, como se fossem «seus maridos». Disse isto, e suspirou.

– Pobre Jorge, mal sabias tu que eu, com este coração, te sobreviveria!

– Pobre Tom, também! – acrescentei eu.

Não percebo porque é que ela não gostou da minha frase. Concedeu-me um sorriso forçado e ficou com os belos olhos repletos de lágrimas. E então observou:

– Você fala sempre como se invejasse os poucos anos que terei de vida.

– A propósito: o seu coração vai melhor, não é verdade?

– Nunca há-de ir melhor. Consultei esta manhã um especialista que me aconselhou a preparar-me para o pior que possa acontecer.

– Ora, há quase vinte anos que anda nesses preparativos, não acha?

No fim da guerra, Luísa estabeleceu-se em Londres. Tinha feito quarenta anos, continuava magra e débil, tinha olhos grandes e faces pálidas, mas ninguém lhe daria idade superior a vinte e cinco. Íris, que estivera num colégio e crescera muito, foi viver com a mãe.

– Tomará cuidado em mim – esclareceu Luísa.

– Ser-lhe-á, sem dúvida, penoso habitar com uma inválida como eu, mas deve ser por pouco tempo, e por isso acredito que não se importe muito.

Íris parecia rapariga engraçada. Haviam-na educado na ideia de que a saúde da mãe era bastante precária. Enquanto criança não lhe permitiam que fizesse barulho, e compreendia que a doente não devia, de nenhum modo, ser perturbada. E, ainda que Luísa dissesse agora à filha que não valia a pena fazer sacrifícios por causa duma velha maçadora, a rapariga persistia nos seus cuidados. Sentia prazer em sacrificar-se; considerava-se feliz fazendo tudo quanto pudesse por essa mãe estremecida. Luísa suspirava, e deixava-a agir livremente.

– A pequena satisfaz-se em pensar que me está a ser útil – explicava a mãe.

– Nunca pensou que ela a podia abandonar? E em tudo mais que é natural que aconteça? – inquiri eu.

– É o que sempre lhe tenho dito. Eu por mim não conseguirei proporcionar-lhe distrações. Mas Deus sabe que, por minha causa, nunca privei delas a ninguém.

Íris, quando abordei o assunto, redarguiu-me:

– Coitada da mãe, quer que eu vá às festas com as pessoas amigas, mas receio que, estando eu fora de casa, lhe dê algum dos seus ataques. De maneira que prefiro não sair.

O caso, porém, é que a rapariga se apaixonou. Um amigo meu, rapaz de boa aparência, declarou-se-lhe e ela aceitou-o. Sempre simpatizei com a filha de Luísa e alegrei-me com o facto, pois havia assim probabilidade de ver a Íris levar a vida a que tinha direito. Ela é que jamais suspeitava que tal coisa fosse possível. Um dia o namorado veio ter comigo e disse-me, desgostoso, que o casamento ficava indefinidamente transferido. Íris era de opinião que não podia separar-se da mãe. Se bem que eu nada tivesse com o assunto, aproveitei a oportunidade e fui visitar Luísa, que apreciava receber os amigos à hora do chá. Agora que estava a envelhecer, cultivava a companhia de artistas e de escritores.

– É verdade – exclamei a certa altura –, consta-me que o casamento já não se realiza.

– Nada sei a esse respeito. Íris o que parece é que não casa tão cedo quanto eu desejaria. Pedi-lhe de joelhos que se não importasse comigo, mas recusou-se em absoluto a abandonar-me.

– Não lhe parece que é um tanto duro para ela?

– Se é! Já se sabe que será apenas por uns meses, mas eu detesto só a ideia de que os outros se sacrifiquem por mim.

– Querida Luísa, você enterrou dois maridos; não vejo nenhuma razão por que não enterre mais outros dois.

– Acha que isso é engraçado? – replicou-me num tom que tornou tão ofensivo quanto pôde.

– Creio que você nunca reparou numa coisa: é que, para fazer o que lhe apraz, tem sempre força suficiente, e só se lembra do coração fraco quando se trata de negócios que a aborrecem.

– Oh, bem sei o que pensa de mim! Nunca acreditou que eu fosse doente, não é isso?

Olhei para ela sem pestanejar.

– Sim, senhora, nunca acreditei. Estou convencido de que, durante vinte e cinco anos, nos tem pregado uma partida estupenda. Considero-a a mulher mais egoísta e monstruosa que jamais conheci. Destruíu a vida desses dois maridos e agora dá cabo da sua própria filha.

Não ficaria surpreendido se Luísa tivesse um ataque cardíaco. Esperei, pelo menos, uma indignação em forma. Ela, todavia, limitou-se a um sorriso gracioso.

– Meu caro amigo, qualquer dia arrepender-se-á de me haver dito essas coisas.

– Resolveu, afinal, que a Íris não case com aquele rapaz?

– Eu mesma lhe pedi que casasse. Sei que isso me há-de matar, mas não faço caso. Ninguém se importa comigo. Sou uma carga pesada para toda a gente.

– Disse-lhe que o casamento dela a mataria?

– Obrigou-me a dizer.

– Como se alguém a obrigasse a dizer ou a fazer as coisas que você não deseja!

– Se a pequena quiser pode casar amanhã. Se tenho de morrer por essa causa, morrerei.

– Visto isso, pode-se arriscar a experiência?

– Não tem compaixão de mim?

– Como posso apiedar-me de quem se diverte consigo mesmo... e que me diverte?

Nas faces desmaiadas de Luísa apareceu um leve rubor. Embora sorrisse, os olhos continuaram duros e ferozes.

– Íris casará dentro dum mês – declarou. Se alguma coisa me acontecer, espero que você e ela se penitenciem ao menos...

Luísa cumpriu a palavra. Fixou-se a data, encomendou-se um enxoval pomposíssimo, distribuíram-se convites. Íris e o noivo andavam radiantes. No dia dos esponsais, às dez da manhã, Luísa, essa mulher diabólica, teve um dos seus ataques – e morreu. Morreu perdoando amavelmente à filha ter sido a causadora do desenlace fatal.

Digitalizado de “Os Melhores Contos Ingleses”, Portugália Editora

Obtenha outros e-books na secção [Biblioteca](#) do [Esquerda.net](#)